

DEIXEM OS PROFESSORES FALAREM!: O NEGACIONISMO SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA E A SALA DE AULA.

GIOVANETTE, Marina de Freitas¹

¹ Professora na Educação Básica e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social (UERJ - Faculdade de Formação de Professores), mgiovanette@gmail.com

Palavra-chave: Negacionismo; Guerra cultural; Prática docente.

A história recente do Brasil é marcada por um fenômeno político e social específico que gerou consequências duradouras para a pesquisa e o ensino de História. Desde 2013 observa-se no país o fortalecimento de uma crise democrática, ou seja, um momento cujos valores democráticos foram frequentemente colocados em xeque (Pinha, 2020). Na educação e na área de História, a legitimidade das narrativas estabelecidas pelos profissionais foi questionada, assim como o lugar da escola enquanto espaço de construção de conhecimento e valorização das alteridades. O negacionismo histórico nesse contexto se tornou uma prática utilizada por grupos ligados à extrema direita brasileira com o intuito de construir narrativas sobre o passado que visam a legitimação dos seus projetos de poder. Partindo desta perspectiva, o presente trabalho possui como objetivo principal a discussão acerca da relação entre o contexto de negacionismo histórico da Ditadura Militar brasileira e as aulas no ensino básico sobre o tema, com ênfase na prática docente. Sabemos que o ensino escolar dialoga diretamente com os demais espaços de convivência dos alunos, logo, a formação do conhecimento histórico parte de uma dinâmica relacional entre diversos “lugares” que tratam sobre a história. Esses lugares podem ser as redes sociais, filmes e séries, discursos de familiares, de amigos, discursos políticos, dentre outros. Portanto, a aula de história também é atravessada por estas vivências e os diferentes discursos. Assim, a partir de entrevistas com professores que atuam nas redes pública e privada do estado do Rio de Janeiro, buscaremos abordar sobre as consequências do processo de deslegitimação do ofício de professor de história e do historiador, a insurgência de atores que disputam a narrativa sobre o tema e o fortalecimento da chamada “guerra cultural” (Rocha, 2021), na qual professores de história são entendidos como inimigos e as aulas como um instrumento de “doutrinação esquerdista”. Através do diálogo com a historiografia e com os docentes, objetivamos também discutir sobre os limites e possibilidades da aula de história como parte importante do processo de construção de conhecimento dos discentes. Como parte da conclusão, buscaremos destacar o papel importante da Esperança (Freire, 2019) no processo de ensino e aprendizagem, não uma esperança passiva, mas aliada à análise da concretude, à pesquisa e a luta, passível de transformar realidades.

Agradecimentos: CAPES.

